

A PUBLICAÇÃO DO TEXTO COMO ESTÍMULO À ESCRITA PARA O ALUNO DO ENSINO MÉDIO

Marlene dos Santos Limieri Dualibe¹;

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato²

UEMS, Campo Grande - MS, marladualibe25@hotmail.com

¹Bolsista PIBEX/FUNDECT/UEMS; ²Orientador

RESUMO

Nesse projeto tivemos a intenção de incentivar o aluno a escrever, sem a preocupação da obtenção de uma nota, mas com a perspectiva de ter seu texto publicado no Jornal Acadêmico (JACA) e, para isso, foram ministradas aulas direcionadas às produções textuais, que viabilizassem a criatividade de alunos do ensino médio da Escola Municipal Hércules Maymone, possibilitando aos mesmos visitar a Unidade Universitária da UEMS de Campo Grande, com o intuito de favorecer uma interação entre a comunidade externa e o meio acadêmico e diminuir a distância entre o estudante de ensino médio e o de nível superior, difundindo de forma positiva o nome da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

INTRODUÇÃO

Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), do total de redações corrigidas no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2012, cerca de 3,58% não conseguiram nota maior que zero ou estavam em branco. Esses números equivalem a quase 115 mil estudantes cujo acesso à universidade pública se torna inviável exclusivamente por conta da redação.

O conflito gerado pelas dúvidas quanto à metodologia adotada na correção causou tanto mal estar, que o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério Público Federal (MPF) garantiram ao estudante um Termo de Ajustamento de Conduta, que lhe possibilita o acesso virtual à redação corrigida:

[...] assegurem aos estudantes o direito de acesso a suas provas, bem como à interposição de recursos num prazo de 10 (dez) dias (**Lei 9784/99, art. 59**) a partir do acesso às provas [...] posterior em instituição de ensino [...]
(Procuradoria Regional da República da 4ª Região – 21/01/2011)

Por esse motivo a partir do edital de nº 3 de 24 de maio de 2012, passou a constar a seguinte informação: “15.3 Os PARTICIPANTES poderão ter acesso à vista de suas provas de redação, exclusivamente para fins pedagógicos, após divulgação do resultado.” (EDITAL Nº 12, DE 8 DE MAIO DE 2014)

Ainda que seja para fins pedagógicos, permite ao estudante consultar sua redação, isso porque, em muitos casos, o próprio aluno não acredita em seu iletrismo.

Ora, para além da situação de prova, as dificuldades com a produção de textos são problemas que acompanham os nossos estudantes em todos os níveis de ensino. Mas esses problemas podem diminuir justamente quando o aluno escreve não para ser avaliado, mas para ser lido por um público mais amplo que o professor ou a banca de correção de uma prova.

Em *O jornal escolar (1967)*, por exemplo, o pesquisador francês Celestin Freinet constatou que o aprendizado da escrita se torna muito mais significativo quando se escreve com o objetivo de comunicar algo. Freinet produziu jornais com crianças em fase de alfabetização, fazendo com que alunos de diferentes escolas se comunicassem entre si através desses jornais. A partir de experiências como essas, o ato de escrever deixa de ser uma tarefa meramente escolar e adquire sua função mais verdadeira, a de expressar algo de significativo para aquele que escreve.

Os benefícios alcançados por quem domina a escrita são um fator preponderante nos concursos públicos e no mercado de trabalho, lembrando que a maior nota obtida na redação é critério de desempate do Enem e outros tipos de avaliação. Além disso, a maneira como o indivíduo se expressa por escrito pode ajudá-lo a ter uma participação mais ativa em nossa sociedade.

O CONTEXTO NA ESCRITA

A proposta consistia em fazer com que os alunos do ensino médio se sentissem estimulados a escrever, com a perspectiva de seus trabalhos serem publicados e, a partir de então, adquirir gosto pela escrita e concomitantemente pela leitura, pois não há como desvincular um ato do outro.

Ingedore Villaça e Vanda Maria, respectivamente mestre e doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP, abordam, em seu livro *Ler e Escrever - estratégias de produção textual*, que a definição de escrita é múltipla, mas que sempre um termo estará ligado ao outro – linguagem, texto, quem escreve, para quem se escreve, dentro de um contexto –, tudo isso com a finalidade de interação:

Entendemos, pois, a escrita como a atividade de produção textual (Torrence & Galbrath, 1999) que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos e na sua forma de organização, mas requer, no interior do evento comunicativo, a mobilização de um vasto conjunto de conhecimentos do escritor, o que inclui também o que esse pressupõe ser do conhecimento do leitor ou do que é compartilhado por ambos. (VILLAÇA; MARIA, 2012, p. 35).

Para a composição de um texto é necessário que se ativem todos os conhecimentos linguísticos, culturais, textuais, sociais, interacionais, etc. Deve-se realizar um planejamento antes da execução e ainda é necessário avaliar atentamente e fazer uma revisão, para enfim observar a obra no geral.

METODOLOGIA

Treze alunos do 1º e 2º anos do ensino médio participaram do projeto, demonstraram interesse e foram assíduos. Dos treze alunos inscritos, duas estudantes afirmaram possuir facilidade com produção de textos. Os demais alunos demonstraram dificuldades para desenvolver os temas propostos. No decorrer das atividades, apresentei algumas noções básicas sobre os gêneros textuais: narração, argumentação e dissertação. Em meu primeiro encontro com os alunos, expus o projeto e fizemos dois exercícios do livro *Redação: escrever é desvendar o mundo*, de Severino Antônio M. Barbosa e Emília Amaral, sugerido pelo meu orientador, Fábio Dobashi Furuzato. Os dois exercícios foram “Experiência da liberação da linguagem e do pensamento” e “Escrita automática”, pois, segundo Severino:

O primeiro passo para produzirmos um texto que realmente expresse nossa linguagem, nosso pensamento, nossa imaginação criadora, deve ser no sentido de liberá-los de toda a sorte de condicionamentos que os tornam padronizados e mecânicos. (BARBOSA, 2012, p. 17).

Procurei por em prática os conhecimentos adquiridos em sala sobre multiletramento, que valorizam a heterogeneidade linguística e cultural somadas à influência de novas tecnologias. Recorri às atividades dinâmicas e significativas com eventos contextualizados, dentro da realidade do aluno, pois, para Severino Barbosa, “o texto é uma unidade de linguagem, de extensão variável, produzido a partir de um determinado contexto ou situação” (BARBOSA, 2000, p. 34). E, com isso, percebi uma evolução no quesito criatividade, pois, no início, os alunos tinham dificuldades de usar a imaginação, mas, aos poucos, foram conseguindo se expressar de forma mais livre. E, na medida em que produziam seus textos, obtinham *feedback* e, a cada devolutiva, tornavam-se mais animados para desenvolver o próximo tema. Essa situação se prolongou até o término do projeto, momento em que lamentaram. De todos os alunos, apenas uma jovem apresentou dificuldades em um nível excessivo e teve pouca evolução. Mesmo sendo participativa, demonstrou alto grau de bloqueio para desenvolver uma redação, além da dificuldade de concentração.

Conforme constava no projeto, organizamos uma visita à UEMS. Isso ocorreu no dia 09 de junho, embora apenas três alunas tenham participado, pelo fato da atividade ter ocorrido no período noturno, o que dificultou o deslocamento. A visita foi muito produtiva, pois elas conheceram a universidade por dentro, entrando em contato com uma nova realidade, através de conversas com professores e alunos.

Uma dessas conversas com estudantes de Letras foi tão importante, que trouxe para uma das alunas do Hércules, a definição da escolha de seu curso para o momento de inscrição no vestibular, uma dúvida que a atormentava, mesmo não tendo sido esse o nosso intuito.

Dos textos produzidos durante as oficinas de redação, dois foram escolhidos para publicação no JACA, conforme previsto no projeto, sendo que esses textos passaram por um processo de revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, os alunos que participaram do projeto demonstraram grandes dificuldades em utilizar a criatividade e desenvolver os temas propostos em linguagem escrita. Para facilitar a redação, debatíamos as propostas e, para que essas barreiras fossem quebradas, precisei estabelecer um vínculo com a sala, o que foi conseguido muitas vezes de modo não convencional, como, por exemplo, no momento em que trabalhei com mímica. Isso intensificou meu vínculo com o grupo e estimulou a criatividade dos estudantes. O fato de a oficina de redação ter ocorrido na sequência ao término das aulas foi um ponto extremamente negativo, pois os alunos geralmente estavam cansados e com fome. No primeiro dia de aula, por exemplo, deixei que fizessem uma redação com tema livre – atividade de escrita automática. E todos falavam somente em comida! Essa situação se repetiu a tal ponto, que um dia resolvi levar um bolo para sala e pedir uma redação descritiva a partir da sensação que o bolo despertava nos estudantes. Entretanto, superando esses obstáculos, as aulas foram muito produtivas e todos evoluíram.

O nível de concentração da sala sempre foi um aliado. Apesar do cansaço dos alunos e do pouco tempo que dispúnhamos, as aulas rendiam consideravelmente e conseguíamos cumprir o planejamento. As fotos abaixo registraram um dos momentos reflexivos para as redações.



Alunos do projeto na escola Hércules Maymone.

A princípio, nos preparamos para uma sala de aula com a quantidade máxima de alunos, ou seja, 35 estudantes. Entretanto, o terceiro ano se recusou a participar devido ao envolvimento em outras atividades.



Alunos do projeto na escola Hércules Maymone.

As aulas ocorriam no sexto tempo e, por isso, tinham que ser dinâmicas e com temas que despertassem o interesse dos estudantes, para que os mesmos mantivessem a atenção e não perdessem o foco. As propostas eram sempre pensadas de uma maneira contextualizada, para que o aluno conseguisse desenvolvê-las. Por isso, era frequente propor três temas e deixar que cada um trabalhasse dentro daquele que mais se identificasse.

Em uma de nossas aulas, apliquei um exercício denominado por Serverino Antonio Maria Barbosa como “Criação a partir das palavras do outro”, sendo a explicação do próprio autor a seguinte: “para você realizar essa experiência de modo inteiro, mais fundo, tente se colocar mesmo no lugar do outro, identificar-se com ele, sentir como ele se sente, vivenciar a realidade dele” (BARBOSA, 2000, p.22)

Assim, procurei temas que dialogassem com os alunos e apresentei os seguintes “personagens”: empregada doméstica, jogador de futebol e uma cantora ou cantor famoso. Dentre as mais variadas histórias criadas pelos alunos, percebi uma que me chamou a atenção e me fez lembrar as palavras de Bakhtin:

“[...] a realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”. (BAKHTIN, 2004, p.95).

Seguindo essa linha de raciocínio, dimensionei a importância de trabalhar temas contextualizados. E foi assim que, para uma aluna, houve uma identificação imediata com sua própria vida com um dos temas, como se observa pela seguinte redação:

Dura Batalha

Eu vivia em um lugar sem estrutura, não havia onde eu me apoiar, era um local totalmente sem oportunidades, onde eu jamais poderia concretizar meus sonhos. Minha triste e infeliz realidade me fez tomar uma atitude óbvia, virar empregada doméstica, era um emprego que nunca faltava e que gerava alguma renda para a mulher, era o meu destino no momento.

Comecei lavando roupas, cozinhando, aguentando e engolindo sapos, passando estresse, uma dura e verdadeira rotina de cansaço e humilhação. Porém, mesmo com as piores condições de trabalho, eu tinha que arranjar forças pra continuar e assim ajudar nas despesas de casa e a manter ao menos alimentado para meus seis pequenos irmãos.

Fui me acostumando com a rotina, mas chegou um dia, quando enfim, apareceu uma oportunidade para sair de minha terra e ir para outro lugar, eu sairia daquele local morto, talvez agora pudesse ter um recomeço; uma nova chance de uma nova vida.

Sai de lá na expectativa de dar a volta por cima, deixei minha mãe, meu pai, meus irmãos, deixei tudo para trás e resolvi seguir em frente. Cheguei e me impressionei! Tudo novo, tudo estranho, sentimentos confusos; a única coisa que não havia mudado era minha esperança.

O tempo foi passando e com ele percebi que o problema não era só lá na minha terra, pois ali onde eu estava no momento era quase a mesma coisa.

E o que restava novamente? Trabalhar como doméstica. Lá se ia outra parte da minha esperança, mas agora eu trabalhava pelas minhas filhas.

Já faz mais de doze anos que eu trabalho na mesma área, não mudou muita coisa, o inútil preconceito persiste; ainda se ganha pouco, mas graças a Deus, depois de tantos anos de luta, nós empregadas domésticas, conseguimos o reconhecimento do nosso trabalho como profissão e espero que seja apenas o primeiro passo de muitos.

Nunca me senti envergonhada por ser doméstica, pelo contrário, sempre fiquei contente por estar ganhando meu dinheiro com dignidade e muito esforço. Hoje mostro com orgulho os calos que carrego em minhas mãos, pois eles são a maior prova de força e garra de uma mulher.

Melissa Hortência Ortiz de Araujo (15 anos) 2º C - Aluna do Hércules Maymone, integrante do projeto “A publicação do texto como estímulo à escrita para o aluno do ensino médio.”

A estudante teve uma concepção mental da realidade em sua família e não precisou divagar em personagens para sua redação, pois “o outro”, sugerido no exercício, transformou-se em sua mãe e assim tomou corpo, sem que a estudante tivesse dificuldades em transferir a experiência para a linguagem escrita.



Alunos do projeto na escola Hércules Maymone.

Outro fato interessante aconteceu no dia em que lemos “O menino que escrevia versos”, texto que compõe o livro *Fio das Missangas*, do escritor africano Mia Couto.

Como já descrevi acima, havia uma aluna que tinha extrema dificuldade de concentração. Nesse dia, ela pediu autorização para utilizar o fone de ouvidos e ouvir suas músicas no celular, pois era dessa maneira que conseguia se concentrar. E a aluna conseguiu um feito, escreveu como nunca tinha escrito, o que a surpreendeu grandemente, conforme narrou a própria. A proposta era para que dessem uma continuidade para o conto, que, como se sabe, termina com o garoto lendo suas poesias para o médico, que pede para que ele não pare. A aluna deu nomes aos personagens e criou um enredo moderno, com informações contemporâneas, como blog, drogas, abandono de idosos e muito mais. Sentiu dificuldades com os conectivos, mas, durante a correção, eu a ajudei a retirar frases ambíguas e expressões que afetavam a coerência e a coesão, mas evitei uma correção profunda, para não alterar o estilo do texto e também para não desestimulá-la, porque, como já foi dito, ela ficou

impressionada com o que escreveu e, em seu afã, acabou por não colocar título. Então, tomei a liberdade de colocar um de minha autoria. Compartilho aqui seu texto:

O Menino continuaria a escrever versos?

O garoto já estava desistindo de ler e escrever, mas algo dentro dele dizia que não podia parar. A mãe do garoto não aguentava mais aquela situação e resolveu falar com o médico, que ficou muito surpreso vendo-a em seu consultório, logo perguntou:

- Olha só quem apareceu! Qual o motivo de sua vinda aqui dona Serafina?

- Então doutor, eu não aguento mais! Ou o senhor tira meu filho daquele lugar ou o coloca para adoção! Não quero mais sofrer com isso.

- Eu não vou tirar Miguel de lá, prefiro coloca-lo para adoção, que deixa-lo ser criado por dois desnaturados!

- Ah, então é assim? Também não quero mais saber desse garoto.

- Vou arrumar a papelada e a senhora o coloca para adoção.

Dias se passaram e o médico levou os papéis até a casa dos pais do menino, eles estavam muito indecisos com aquela situação, mas no final acabaram assinando.

Quando Miguel ficou sabendo de sua adoção, seu pequeno mundinho caiu, ele estava sem chão, não sabia o que fazer de sua vida, suas inspirações definitivamente tinham se tornado sem rumo.

Mas mesmo assim, com tudo que estava acontecendo o doutor não cansava de insistir para que Miguel nunca desistisse de escrever. Como Miguel era uma criança e não tinha experiência emocional abalou-se com a situação e não mais escreveu.

O Dr. Watson viu que a coisa tinha saído do controle e resolveu tomar uma decisão e adotou Miguel. Pensou que se adotasse o garoto ele voltaria a escrever e ser criativo como antes, mas aconteceu tudo ao contrário, o garoto ficou mais revoltado ainda e não queria nada com nada, só pensava em curtir, beber e farrar. E em uma dessas farras alguns colegas lhe ofereceram drogas e depois disso nunca mais parou.

Miguel ficou totalmente viciado, estava chegando ao estado crítico de vender as coisas para comprar drogas, sua vida estava de cabeça para baixo, chegou ao ponto de sair de casa e morar nas ruas e pedia as coisas para sobreviver, Watson pensou várias vezes em interná-lo, mas isso só podia acontecer se Miguel quisesse e no momento não era o que ele desejava. Sua vida estava correndo perigo a cada momento que passava ali. Dias de sol e chuva se passavam e continuava tudo na mesma.

Até que um dia uma linda moça que estava atravessando a rua, quando de repente apareceu um carro em alta velocidade. Miguel correu rápido para salvar a garota, ele estava perto do local conseguiu dar um empurrão na moça para que ela saísse da pista e conseguiu salvá-la, mas Miguel acabou sendo atingido pelo veículo. Na mesma hora a moça ligou para seu médico, que urgentemente o internou em estado grave, passou dias internado e o tempo todo, a menina estava lá, junto, para dizer a ele o quanto era grata por ter feito aquele gesto de bondade e coragem por ela. Os dias se passaram e ela cuidava dele como se fosse alguém muito importante em sua vida, Isabela (esse era seu nome), estava se apaixonando por ele, era inexplicável aquilo que ela sentia.

Até que um dia ele recebeu alta hospitalar, e tinha que tomar muito cuidado com sua saúde, como ele estava sem casa e sem estrutura para esses cuidados, Isabela o convenceu para ir morar com ela. Como ele era viciado em drogas, não aguentava ficar sem. Isabela incentivava-o a não se drogar. Mas uma coisa estava mudando naquele jovem de 24 anos, seu coração, estava se apaixonando pela jovem "Bely" e com aquele sentimento ele voltou a escrever densos versos e textos, mas em segredo, Miguel só escrevia para si, não mostrava para ninguém. E graças a esse amor que sentia por Bely, ele parou de se drogar.

Bely encontrou suas poesias e versos e achou incrível! Escondeu tudo na casa de outra pessoa e foi divulgando em um blog sem que ele soubesse. Mas quando ele descobriu ficou muito bravo e brigaram feio! Ela tentou explicar que era para o bem dele, mas como Miguel era cabeça dura, não perdoou a garota e foi embora.

Foi direto para a casa do Dr. Watson, logo quando chegou, viu que seu pai de criação não morava mais naquele local. Miguel foi atrás de notícias e descobriu que ele estava internado em um asilo. O moço se sentiu culpado e foi falar com ele, pois em todos os momentos de sua vida, o Dr Watson estava ao seu lado. Pediu desculpas, pediu conselhos e a partir de então ele começou a cuidar de seu pai, como ele sempre foi cuidado quando pequeno.

Miguel entendeu o ato da Bely e foi pedir desculpas, logo depois eles se casaram e tiveram dois filhos.

Pelo fato de Bely ter postado os textos de Miguel na rede, ele ficou muito famoso, publicou vários livros e era convidado para contar sua história em vários lugares do mundo e seus contos não eram poucos.

(Amanda Ap. Martins da Conceição - Aluna do Hércules Maymone, integrante do projeto “A publicação do texto como estímulo à escrita para o aluno do ensino médio”)

Em sua produção a aluna levantou questões que cercam toda a sociedade e, mais uma vez, Bakhtin explica que tal situação é constituída na relação que a linguagem estabelece com o pensamento:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN, 2004, p.98).

Algumas informações no conto de Mia Couto trouxeram essa compreensão à aluna, devido a condições históricas, sociais e culturais, sua imersão a remeteu a esse ambiente e a estudante fez essa associação, conseguindo transportar parte de seu conhecimento social para a linguagem escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerarei-me uma privilegiada pela oportunidade de conhecer o ambiente de uma sala de aula sob a perspectiva de professora. Isso me trouxe grande motivação para dar continuidade em minha escolha profissional e me trouxe um amadurecimento, mais segurança, aspecto que antes era muito nebuloso. Percebi o quanto é importante para um aluno a devolutiva de seu trabalho, o prazer que sente quando lemos suas redações. Mas o fato que mais me impressionou foi o medo que sentem em ousar, como se tivessem obrigação em escrever somente fatos incontestáveis. Isso ficou evidente em uma pequena redação com tema livre, que uma aluna escreveu, percebiam sentimentos controversos, tanto que, sua redação está sem identificação, nesse dia os alunos não eram obrigados à entregarem suas composições, ela entregou, mas não assinou.

“Muita gente fala que quem lê “Percy Jackson e os olimpianos” é louco, só porque o livro fala de mitologia grega, as pessoas ficam vendo séries na tv e embasando o livro. Mas o pior de tudo é que quando você está falando sobre os personagens do livro, como Anabeth, Clarisse, Gover, o sátiro do Percy, os irmãos Nico Diangelo e Bianca. O pessoal fica te zoando.”

(Aluna do projeto “A publicação do texto como estímulo à escrita para o aluno do ensino médio” na escola Hércules Maymone).

Os alunos me confidenciaram nunca terem escrito algo sobre magia, fábulas ou encantamentos. Talvez pelos motivos citados na redação da aluna.

Guardarei na memória o dia em que se libertaram de seus medos e escreveram sobre dragões. E o mais incrível é que estavam constantemente envolvidos em filmes recheados de personagens com essas características, mas é como se fossem proibidos de usar a criatividade. Quando lhes falei sobre o livro *Flush: memórias de um cão (1933)*, escrito por Virginia Woolf (1982/1941), a partir do ponto de vista de um *cocker spaniel*, eles ficaram encantados. E dessa ideia surgiu um dos temas para a redação final.

O comportamento dos jovens foi quase infantil, quando li “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto (2004): “E daí professora, ele nunca mais voltou pra casa?”, “E os pais dele?”, “O médico adotou o menino?”.

Os questionamentos foram tantos, que resolvemos dar continuidade à história, cada um usando sua criatividade. E fiquei surpresa quando, nesse dia, a aluna que tem um sério problema de concentração conseguiu transportar para a linguagem escrita tudo o que imaginou para o “menino que escrevia versos”. E confesso que foi um final surpreendente, como pode ser constatado no item anterior.

Essa experiência em sala foi extremamente positiva e tive a certeza de que os alunos gostavam das aulas, quando compareci na escola Hércules Maymone e por um erro de cronograma, esqueceram de me avisar que naquele dia que eu não poderia lecionar. Mas os alunos, quando me viram, se juntaram imediatamente e como formigas entraram em contato um com o outro e pediram para que eu não fosse embora e que poderíamos utilizar uma sala comum e assim, mesmo não estando previsto, desenvolveríamos as atividades.

Sei que nem todo o percurso profissional será tão tranquilo quanto esse que vivenciei, mas usarei esses bons momentos para superar as adversidades que surgirem, pois acredito que o maior obstáculo é o medo que carregamos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à UEMS (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), por ter me dado oportunidade de desenvolver e expor meu projeto.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Severino Antônio; AMARAL, Emília. **Redação: escrever é desvendar o mundo**. Campinas: Papyrus, 2012.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERNARDINO, Ju. “Por que é importante escrever bem?”. **Educar para crescer**. fevereiro de 2013. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/importancia-escrita-559518.shtml>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

COUTO, Mia. “O menino que escrevia versos”. In: _____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ELIAS, Vanda Maria; KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2012.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **O jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1989.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Lições de texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996.

FREINET, Celestin. **O jornal escolar**. Lisboa: Editorial Estampa, 1976.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**: leitura e produção. Cascavel: ASSOESTE, 1984.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1996.

PORTAL BRASIL. “Correções das redações do ENEM já estão disponíveis”. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2013/02/notas-da-redacao-do-enem-ja-estao-disponiveis>>. Acesso em: 25 abr. 2013.

SISU: SISTEMA DE SELEÇÃO UNIFICADA. “O SISU”. Disponível em: <http://sisu.mec.gov.br/sisu>. Acesso em: 25 de abril de 2013.

“Estudantes terão acesso a correção da redação no ENEM 2012”. **Veja**. agosto de 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/enem-vestibulares/enem-2/estudantes-terao-acesso-a-correcao-da-redacao-no-enem-2012>>. Acesso em: 25 abr. 2013.